

# O ponto de vista do espectador

Depois de formado, em 1985, Eduardo fez concurso para Fotografia, área onde já atuava profissionalmente e começou a dar aulas. Sua primeira experiência profissional veio da fotografia, trabalhando primeiro na Caldas Júnior e, depois, durante nove anos na sucursal gaúcha do jornal O Globo. Na sucursal, Eduardo era responsável pela editoria de esporte amador, cuidando não apenas do Rio Grande do Sul, mas também de pautas em Buenos Aires e Montevidéu. "Certa vez, a pedido do editor, fotografiei e entrevistei um jovem paulista que vinha se destacando nas corridas de kart. Como eu cheguei atrasado em Tarumã, ele ainda foi atencioso e simpático, aceitando repetir uma volta para que eu pudesse fotografá-lo recebendo a bandeirada. Sabe quem era? Ayrton Senna".

Foi a fotografia que lhe deu as primeiras noções de muitas técnicas que posteriormente seriam usadas na sua produção artística. "Para mim foi um aprendizado: aprendi a ver a luz, os gradientes, a observar melhor os volumes". Além disso, o trabalho diário e dinâmico lhe proporcionou um conhecimento que permite fazer bom uso da agilidade. "A fotografia exige que você seja ágil nas tomadas de decisão, na busca por um ponto de vista. É uma grande

escola, é uma luta constante contra o tempo. Isso tudo acaba fazendo com que se tenha muita disciplina para saber se organizar".

Contemplado com uma bolsa para cursar o mestrado no Brooklyn College, da Universidade de Nova York, Eduardo mudou-se para os Estados Unidos. A experiência foi sensacional: bares de jazz no Village, galerias, mostras, museus como o MOMA e o Metropolitan. Lá foi aluno de Phillip Pearlstein, com quem trabalhou como assistente. Foi mais ou menos quando ocorreu a transição definitiva da fotografia para a pintura. "Comecei a pintar em Nova York, embora meu projeto acadêmico fosse em fotografia."

O psicanalista Robson Pereira, amigo de Eduardo há mais de quatro décadas, interpreta: "Depois que enveredou pela pintura é possível notar que, pelas lentes do olhar, o gesto do pintor preenche o quadro de cores, detalhes, objetos que fazem com que um mundo moderno e das memórias comece a fazer sentido para nós. Eduardo faz com que Cachoeira, Porto Alegre, Paris e Nova York estejam todas representadas, façam parte de nosso patrimônio íntimo".

Da temporada em Nova York, Eduardo, através da jornalista Heloísa Vilela, sua colega de O Globo, foi apresentado a Paulo

Francis. "Algumas vezes nos encontrávamos para caminhadas na Park Avenue ou então para idas ao MoMa, que era perto de onde ficavam os escritórios da Globo em Nova York". A proximidade seria retomada no começo dos anos 1990, quando Francis teria uma coluna em Zero Hora e Eduardo seria chamado para ilustrá-la.

Quem já estava na Zero Hora naquele período, atuando como editor de Fotografia, era Ricardo Chaves, o Kadão. "Apesar de ele ter sido fotógrafo da sucursal gaúcha de O Globo, não lembro de termos trabalhado junto em alguma pauta, mas sempre admirei o trabalho dele. Me identifico com as figuras vintage que ele coloca um muitas das suas obras. São aviões, trens e automóveis antigos, da época da minha infância."

Kadão ainda destaca a importância da fotografia no trabalho de Eduardo: "Do fotógrafo, acho que ele guarda um ponto de vista do espectador. Da testemunha que assiste e registra um monte de coisas acontecendo, mas, sem interferir. Muitas vezes ele mantém uma certa distância, mas não grande o suficiente para que as formas se percam. Sobrevoa o assunto como quem faz uma foto aérea e se delicia com o traçado e a colcha de retalhos em que a paisagem se transforma vista do alto".



Foi durante temporada em Nova York que Vieira da Cunha mergulhou na pintura



Inspiração surge em sonhos ou mesmo em momentos do cotidiano

principais influências são pintores como o já citado Phillip Pearlstein e também Saul Steinberg, Balthus, Jean Lancri e François Soulages, João Câmara e Trindade Leal. Deste último, Eduardo destaca o alegre convívio que os dois tiveram. "Ia visitá-lo com frequência num pequeno hotel onde ele morava na Cidade Baixa e ficamos muito amigos. Me levava para almoçar num boteco na avenida Bor-

ges de Medeiros, onde sempre comíamos o mesmo prato feito. Ali ele me dizia: 'hoje tu és meu convidado'. Afora isso, Eduardo considera o cinema também como algo essencial em sua arte, com as ideias vindo de filmes de Chris Marker, Wayne Wang, Quentin Tarantino e Spike Lee. Outra inspiração, essa menos óbvia e mais surpreendente é o futebol. 'Não perco os jogos do Colorado.'

## Sete exposições marcantes

Eduardo Vieira da Cunha escolhe seus sete melhores momentos artísticos

- **Westbeth Gallery, em Nova York, em 1989:** "Foi o meu prêmio Bernard Shaw em pintura na Universidade de Nova York"
- **Galeria Leonardo, em Paris, em 1999:** "Exposição que realizei na época em que eu fazia o doutorado na Sorbonne"
- **Margs, em Porto Alegre, em 2003:** "Exposição que fiz ocupando duas alas do museu e que teve também o lançamento de um livro"
- **Mube, em São Paulo, em 2003:** "Uma exposição com mais de 40 obras, no salão principal"
- **Galeria Fisher-Hohr, em Basel, na Suíça, em 2007:** "Uma exposição em uma ótima galeria da Europa"
- **Percurso do Artista na Reitoria da Ufrgs, em Porto Alegre, em 2016:** "Uma ótima retrospectiva, também com lançamento de livro"
- **Galeria Debret, da embaixada brasileira em Paris:** "Desta exposição eu tenho uma história engraçada. Quem trabalhava lá e ficou minha amiga era a Nina Chaves, a ex-colunista social de O Globo – 'Nina Chaves conta...', como aparece na música Café-Sociedade, de Miguel Gustavo. Ela passava as tardes me contando histórias, como quando ela aproximou Lily de Carvalho de Roberto Marinho. Ele, para impressioná-la, convidou a moça para dar uma volta. Ela aceitou. Eles subiram ao terraço do edifício e tinha um helicóptero à espera para sobrevoar o Rio de Janeiro. A vida é bela"



**Márcio Pinheiro** é porto-alegrense e jornalista. Trabalhou em diversos veículos da Capital, de São Paulo e do Rio de Janeiro.